

A INFLUÊNCIA DA ORATÓRIA DE MARCO TÚLIO CÍCERO NA EDUCAÇÃO RETÓRICA DO *RATIO STUDIORUM*

Resumo: Neste trabalho, tem-se por objetivo mostrar a influência da oratória de Marco Túlio Cícero (106 – 43 a.C.) na educação retórica do *Ratio Studiorum*. Nas pegadas desse processo, apresenta-se um panorama geral dos livros retóricos de Cícero e a proposta do filósofo para a formação do perfeito orador, que se dava por meio de três características essenciais: disposição natural, conhecimento das técnicas do discurso e profunda cultura. Esse ideal humanista do orador ciceroniano fomentará o discurso humanista do século XVI. A Companhia de Jesus, nascida nesse contexto e imbuída pelo espírito humanista de seu tempo, encontrará em Cícero a base da proposta formativa da eloquência, expressa no *Ratio Studiorum*. Tal formação se dava por meio dos estudos de Gramática, Humanidades e Retórica, tendo por metodologia a prática de preleções, traduções e exercícios de memória.

Palavras-chave: Educação. Retórica. Renascença. Humanitas.

Abstract: In this work, the objective is to show the influence of Marco Túlio Cícero's oratory (106 - 43 B.C.) on the rhetorical education of the *Ratio Studiorum*. In the footsteps of this process, an overview of Cícero's rhetorical books and the philosopher's proposal for the formation of the perfect speaker, which was given through three essential characteristics: natural disposition, knowledge of discourse techniques and deep culture, is presented. This humanist ideal of the Ciceronian speaker will foster 16th century humanist discourse. The Society of Jesus, born in this context and imbued with the humanist spirit of its time, will find in Cicero the basis of the formative proposal of eloquence, expressed in the *Ratio Studiorum*. Such training took place through the studies of Grammar, Humanities and Rhetoric, using as methodology the practice of lectures, translations and memory exercises.

Keywords: Education. Rhetoric. Renaissance. Humanitas.

Gabriel Mingareli Cavallini¹

Alexandre Souza Franco²

1 Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, 2022. Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Contato: mingarelicavallini@gmail.com

2 Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, 2022. Contato: alejandre22@gmail.com

INTRODUÇÃO

As reflexões de Marco Túlio Cícero (106 – 43 a.C.) a respeito da formação do orador ideal a partir de uma ampla educação, expressas por meio da poesia, retórica, história e filosofia, fomentará o discurso humanista do século XVI. Neste contexto, encontramos a Companhia de Jesus, que imbuída por esse ideal, estabelece o *Ratio Studiorum* – documento criado de modo a regulamentar a educação jesuítica pelo mundo.

Nele, encontramos a valorização de uma educação eminentemente literária, voltada para os estudos de Gramática, Humanidades e Retórica. Nessa órbita, a oratória ciceroniana era promovida como o referencial máximo da perfeita eloquência desse período. Com efeito, é a partir dela que a educação retórica do *Ratio* é elaborada, uma vez que correspondia ao espírito do seu tempo e a seus interesses.

A FORMAÇÃO DO PERFEITO ORADOR EM MARCO TÚLIO CÍCERO

Marco Túlio Cícero (106 – 43 a.C.), filósofo, orador e político romano, é uma das figuras mais emblemáticas da Antiguidade Clássica. Presente em um dos momentos mais conturbados da República Romana (509 – 27 a.C.), procurou, por meio de sua filosofia, responder às exigências de seu tempo. Apesar de pertencer a uma família provinciana abastada, Cícero levava uma vida rústica e simples, com especial respeito à memória dos antepassados e das antigas práticas romanas, o chamado *Mos Maiorum*, que refletia a ideia dos romanos de viver segundo a tradição, no sentido de observância e costume dos antepassados (Rocha Pereira, 1980). Além disso, tinha um especial apreço pelo regime republicano que tanto defendera ao longo de sua vida. Seu pai, também chamado Cícero, sempre proporcionou para ele uma educação aprimorada nos moldes dos antigos filósofos, poetas e historiadores gregos, possibilitando ao filho, desde cedo, um vasto conhecimento do grego, do latim e da retórica. Com essa rica educação e grande aptidão ao aprendizado, Cícero teve uma variada formação filosófica, por meio da qual contemplou diferentes correntes das escolas gregas e helenísticas.

Toda a atividade intelectual de Cícero resultou em uma extensa produção literária que pode ser dividida em quatro grupos: livros filosóficos, livros retóricos, discursos e cartas. Embora cada literatura apresente suas particularidades e intenções, toda a obra ciceroniana reflete a intenção do autor de proporcionar para Roma uma literatura independente. Isso significava conceder aos romanos uma literatura na língua pátria que expresse a identidade do povo romano, marcada pela valorização da tradição e dos costumes.

No tocante aos livros filosóficos, embora Cícero não apresente marcas de uma filosofia pura ao adotar por método o ecletismo – seleção de diferentes teses oriundas de diversos sistemas reunindo-as num todo novo e original –, encontramos um filósofo que soube trazer para Roma a discussão filosófica. Dentre seus principais escritos, destacam-se *De República* (51 a.C.), *De Legibus* (51 a.C.), *Tusculanae Quaestiones* (45 a.C.), *De Finibus Bonorum et Malorum* (45 a.C.), *Academica* (45 a.C.) e *De Officiis* (44 a.C.).

No que diz respeito aos livros retóricos, ainda na sua juventude, Cícero escreve seu primeiro livro em relação ao tema intitulado *De Inventionem* (80 a.C.), na qual o filósofo procura discutir ao longo de dois livros a respeito da primeira parte do discurso, a *inventio*. Alguns anos depois, Cícero escreverá

seus três principais livros a respeito da retórica: *De oratore* (55 a.C.), *Brutus* (46 a.C.) e *Orator* (46 a.C.). É interessante destacar que estes três livros representam um processo de elaboração, a partir de etapas sucessivas, do orador ideal.

No *De oratore*¹, dividido em três livros e escrito na forma de diálogo aristotélico, encontramos a reconstrução de um diálogo ocorrido cerca de quarenta anos antes entre Marcus Licinius Crassus (114 – 53 a.C.)² e Marcus Antonius Orator (143 – 86 a.C.)³, juntamente com eminentes personagens da vida política e social romana. O objetivo da conversa é discutir as opiniões dos diferentes interlocutores tanto sobre a essência e a função da oratória, como o projeto do orador perfeito:

Pero no dudo que esto parecerá a los más tarea inmensa e inacabable, al tiempo que observo que los griegos, hombres que andan sobrados no sólo de talento y ciencia, sino también de tiempo libre y afán de saber, han llevado a cabo ya en cierto modo una división de las artes, y que nadie en particular se ha dedicado a fondo en su conjunto [...]. No voy a abarcar en estos libros más de lo que a esta materia por haberse estudiado y discutido mucho este asunto se le ha asignado casi por común acuerdo de varones muy ilustres. Y no volveré a traer desde la cuna de nuestra ajeja e infantil disciplina esa especie de

retahíla de recetas, sino aquellos temas que un día supe que habían estado presentes en una conversación de nuestros varones más ilustres y principales en todos los ámbitos (Cícero, *Sobre El Orador*, 2002, p.94-95).

Em *Brutus*, Cícero reconstrói a história da eloquência grega e romana. Num primeiro momento, apresenta um panorama resumido da arte oratória entre os gregos e, em seguida, de maneira extensa, a arte oratória entre os romanos desde suas origens com Catão (234–149 a.C):

Bruto: Por agora, se estás com ánimo livre, expõe-nos o que queremos. *Cícero*: E que é que quereis? *Bruto*: O que recentemente em Tusculano iniciaste para mim acerca dos oradores: quando tivessem começado a existir, também quais seus nomes e de quais qualidades tivessem sido (Cícero, *Brutus*, 2013, V-20, p.37-38).

No *Orator*, escrito sob a forma de uma carta, Cícero procura esboçar um retrato do perfeito orador: “e eu descreverei como de deve ser modelado o orador perfeito, algo que talvez ainda ninguém tenha sido” (Cícero, *Orator*, 2017, II-7, p.73). Neste livro, Cícero apresenta três tipos de eloquência: simples, médio e elevado. Segundo o filósofo, os oradores simples são aqueles que, com habilidade,

¹Neste artigo, utilizamos a tradução espanhola do Editorial Gredos de José Javier Isso intitulada: *Sobre El Orador*.

²Foi um político da gente Licínia da República Romana, eleito cônsul duas vezes, entre 70 e 55 a.C. Nascido em uma das famílias mais ricas de Roma, adquiriu enorme fortuna ao ponto de ser considerado o homem mais rico da história de Roma.

³Foi um político da gente Antônia da República Romana, eleito cônsul em 99 a.C e censor em 97 a.C. Segundo Cícero, foi um dos mais importantes oradores de sua época.

ensinam com clareza todas as coisas sem as ampliar, ou seja, são concisos e despidos de ornamentos. Os oradores médios são aqueles que conseguem manter um equilíbrio entre a simplicidade e a exuberância, “ele flui, como se diz, de um modo uniforme no discurso, nada lhe trazendo, exceto a eficácia e a regularidade ou então acrescenta e enriquece todo o discurso com figuras discretas, como que ramos numa coroa, de palavras e pensamentos” (Cícero, *Orator*, 2017, VI-21, p. 83-85). Os oradores elevados, por sua vez, são aqueles que foram com “[...] a grandeza e a importância dos pensamentos e das palavras, veementes, versáteis, facundos, grandes, instruídos e preparados para despertar e agitar os espíritos” (Cícero, *Orator*, 2017, v-20, p.83). Aos oradores simples e médios, é preciso seguir a dedicação e disciplina dos elevadores, de modo a superarem suas limitações.

Embora Cícero tenha dedicado vasta literatura na discussão sobre os princípios da retórica, tal discussão não fica condicionada apenas como uma espécie de proposta ideal. Cícero coloca em prática nos seus discursos todos os princípios da retórica enumerados em seus livros, de modo que é neles em que encontramos o brilho do gênio orador, ou seja, a maestria que o possibilitou chegar ao ápice da política romana de seu tempo. Segundo Osuna (2012), seus discursos podem ser divididos em

judiciais – pronunciados ante um tribunal como advogado – e políticos – pronunciados no Senado ou no Fórum. De todos os discursos, foram conservados mais de cinquenta. Entre os primeiros, destacam-se *In C. Verrem* (70 a.C.) – discurso que lança Cícero à fama ao acusar o ex-governador Caio Verres de corrupção e extorsão; *Pro Archia Poeta* (62 a.C.) – discurso em defesa do poeta grego Árquias, acusado de usurpação do direito de cidadania; *Pro Caelio* (56 a.C.) – discurso em defesa de seu jovem amigo Célio, acusado de querer envenenar Clódia, irmã do inimigo de Cícero Clódio; e *Pro Milone* (52 a.C.) – discurso em defesa de Milon que matou Clódio. Dos discursos pronunciados ante o Senado, destacam-se *Pro Lege Manilia* (66 a.C.) – discurso em apoio a proposta do tributo Manílio, de modo a conceder a Pompeu a chefia suprema das tropas romanas na guerra contra Mitríades; *In Catilinam* (63 a.C.) – quatro discursos pronunciados contra Catilina acusado de tramar uma rebelião após não ser eleito cônsul, que incluía o assassinato de Cícero; e *Philippicae* (44-43 a.C.) – uma série de dezessete discursos pronunciados contra a subida ao poder de Marco Antonio.

A partir da análise de seus discursos e livros retóricos, pode-se afirmar que o perfeito orador em Cícero deve possuir três características essenciais: disposição natural, conhecimento das técnicas do discurso e

profunda cultura (Osuna, 2012). Em relação a primeira, Cícero afirma que orador deve possuir uma disposição espontânea e, portanto, natural para arte da eloquência. Isso significa dizer que há particularidades no orador que não são ensinadas por um professor ou aprendidas por meio de algum ensinamento, mas o orador já o possui por natureza. Para o filósofo:

[...] es mi opinión que la naturaleza y el talento, en primer lugar, son los que aportan más posibilidades a la oratoria; y que en realidad no han sido medios ni método en la oratoria lo que les ha faltado a esos redactores de manuales a los que poco antes se ha referido Antonio, sino cualidades naturales; pues debe haber una cierta rapidez de reflejos en el espíritu y en el ingenio, mostrándose así agudos para la imaginación, ricos para la exposición y el ornato y firmes y duraderos para la memoria (Cícero, *Sobre El Orador*, 2002, p.131-132).

A respeito das técnicas do discurso, devem abranger cinco pontos essenciais: a *inventio* – que consiste na busca de argumentos apropriados; a *dispositio* – que compreende a enumeração e distribuição dos argumentos a serem realizados ao longo do discurso; a *elocutio* – manifestada na arte de utilizar a expressão formal e as palavras e figuras mais convincentes; a *memoria* – necessária para recordar cada coisa no lugar apropriado; e a *actio* – que diz respeito a tudo aquilo que envolve o aspecto físico do orador, como gestos e tom de voz. Além disso, o discurso apresenta

diversas partes, constituídas pelo *exordium* – introdução; *narratio* – exposição do tema; *argumentatio* ou *probatio* – aporte de argumentos; *refutatio* – refutação de objeções reais ou possíveis; e o *peroratio* – que consiste na conclusão destinada a conquistar os ouvintes, sejam eles os juízes ou o auditório (Osuna, 2012). Cada uma dessas partes, exigidas por um método e uma técnica adequada, tinham por intenção alcançar a finalidade de todo o discurso: “[...] que seja convencido aquele perante quem se fale, que seja deleitado, que seja comovido mais veementemente” (Cícero, *Brutus* 2013, XLIX-185, p.201).

Segundo Cícero, para que essas regras do discurso pudessem ser devidamente cumpridas, também é preciso, por parte do orador, uma ampla cultura. Tal compreensão parte de um ambicioso projeto educativo que obriga o discípulo a ter um amplo conhecimento a respeito de todo tipo de disciplinas, se quer alcançar um bom desempenho no trabalho de retórica (Osuna, 2012). Esse princípio é a *humanitas*, conceito postulado por Cícero que equivale ao termo grego *paidéia*, ou seja, o conjunto da formação humana. Para Reale (2004), as letras nesse contexto, expressas por meio da poesia, retórica, história e filosofia, desempenhavam um papel essencial na formação do homem, na medida em que são essas disciplinas que estudam o homem naquilo

que ele tem de peculiar, sem um utilitarismo pragmático. Assim, além de conhecer a natureza específica do homem, tais disciplinas também a fortalecem e a potencializam. Esse aperfeiçoamento, de acordo com Pereira Melo (2006, p.12), “era obtido por meio de um longo processo, que envolvia intimidade com a cultura, com a literatura e com os saberes assimilados dos gregos, devidamente adaptados ao mundo latino e solidamente ligados às tradições, aos costumes, às leis e à educação romana”. Para o filósofo:

Y a mi entender, nadie podrá ser orador coronado por la gloria si no ha conseguido el saber de los grandes temas y técnicas. Pues conviene que el discurso brote y rebose del conocimiento de las cosas, pues si éste no trata de cosas familiares y conocidas al orador, se reduce a palabrería huera y poco menos que infantil (Cícero, *Sobre El Orador*, 2002, p.93-94).

Essa ampla formação cultural e literária permitirá ao orador reunir os mais viáveis traços da *práxis* romana com os ideais da cultura grega, de modo a servir como um modelo educativo e de prática social (Osuna, 2012). Em Cícero, a oratória é um ramo do saber político, o que justifica a importância do estudo da filosofia e um amplo conhecimento das ações humanas: “[...] falar bem efetivamente ninguém pode, a não ser quem pensa sabiamente. Pelo que quem se aplica à eloquência verdadeira aplica-se à sabedoria, da

qual nem sequer nas maiores guerras com ânimo imparcial alguém pode carecer” (Cícero, *Brutus*, 2013, VI-23, p.41). Segundo Osuna (2012), Cícero segue a mesma linha dos sofistas ao afirmar a união inseparável entre filosofia e retórica. Todavia, a definição do perfeito orador lembra a caracterização que o Sócrates (469 – 399 a.C.) faz do sábio, ou seja, aquele homem de rica formação intelectual e de honradez respeitável:

[...] sem filosofia não se pode preparar o eloquente que procuramos, pois, ainda que nela não estejam todas as coisas, contudo ela ajuda o orador como o exercício físico ajuda o actor (pois frequentemente as coisas pequenas se comparam com precisão às coisas grandes). Com efeito, sem a filosofia, ninguém pode falar copiosa e abundantemente sobre importantes e variados assuntos (Cícero, *Orator*, 2017, VI-14, p.77).

Para Soares (2013), esse ideal humanista do orador ciceroniano – sacralizado pela pena do Agostinho de Hipona (354 – 430 d.C.) e imbuído da espiritualidade do Ecclesiastes do Humanista Erasmo de Roterdão (1466 – 1536 d.C.), fomenta o discurso humanista do século XVI. Destarte, merecidamente, mostra-se um dos principais autores estudados nesse período.

O ALVORECER DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

A Renascença caracteriza-se por constantes transformações sociais que imprimiram um novo rumo a história ocidental. Marcada por mudanças em todas as áreas, ela se apresenta como um período tumultuoso, com o abandono de métodos e categorias do conhecimento confirmadas e desenvolvidas por uma tradição anterior e, ao mesmo tempo, um retorno entusiasta à Antiguidade clássica. A este respeito, não somente na literatura, mas na pedagogia dos mais célebres educadores da Renascença, encontramos uma aureola de respeito e veneração às coisas antigas (Soares, 2017).

Este retorno à Antiguidade Clássica não se deu por acaso. Pelo contrário, várias questões fazem com que o homem do século XVI entre em contato com esse universo literário. O papel da imprensa e dos grandes impressores, por exemplo, foi fundamental para este alvorecer. Com eles, “[...] se impunha a divulgação das obras clássicas, quer no texto original, fixado com o maior rigor filológico, quer através da tradução do grego para latim ou dos originais clássicos para as línguas vulgares, progressivamente dignificadas [...]” (Soares, 2017, p.18). Juntamente com o alvorecer da imprensa, temos a recuperação de diferentes textos clássicos que proporcionaram ao homem uma reconstrução do conhecimento em todas as

suas facetas. Dentre estes escritos, destacam-se os textos a respeito da retórica:

A recuperação dos textos clássicos [...] dá-se sobretudo no século XV, com uma importância significativa para o Humanismo italiano e para o auge da retórica, quer no âmbito do seu ensino, quer da prática oratória: Poggio Bracciolini, em 1416, encontra o manuscrito completo da *Institutio oratoria* de Quintiliano; em 1421, recuperam-se, pela mão de Gerardo Landriani, vários manuscritos íntegros de Cícero (*De oratore*, *Orator* e *Brutus*). Sem esquecer o *Diálogo dos oradores* de Tácito e ainda os tratados gregos *Sobre a composição* de Dioniso de Halicarnasso; *Sobre as ideias* e *Sobre os tipos de estilo* de Hermógenes; *Sobre o estilo* de Demétrio Falereu; e *Sobre o Sublime* de Pseudo-Longino. A queda de Constantinopla, em 1453, contribuiu também para o esforço de preservação de obras gregas [...] (Soares, 2017, p. 21).

À vista disso, torna-se fundamental um domínio perfeito do latim em toda a Europa. Aliás, em latim eram ministradas diferentes matérias por mestres tanto nacionais quanto estrangeiros. Mas não somente o latim. Segundo Soares (2017), em 1548, com a fundação do Colégio das Artes pelo rei Dom João III em Portugal, o ensino das três línguas cultas – o grego, o latim e o hebraico –, revelavam a atualização e europeização da cultura. A aquisição de uma competência linguística expressa por meio do conhecimento dessas línguas era fundamental, na medida em

que se tornava possível o acesso as fontes do saber, à riqueza literária da Antiguidade Clássica, bem como, à exegese bíblica e a todo pensamento filosófico e científico.

Todavia, mais do que uma competência linguística necessária para o conhecimento dos textos da Antiguidade, temos na Renascença uma educação eminentemente literária, voltada para a eloquência e os exercícios de funções dialéticas de espírito. Disciplinas como Gramática e Retórica ganham espaço nos meios acadêmicos, de modo a constituir como um ensino primordial de acesso as outras ciências. Para Reale (2004), pouco a pouco, os autores gregos e latinos se firmaram como modelos insuperáveis das chamadas ‘letras humanas’, como verdadeiros mestres de humanidade. Assim, os textos desse humanismo renascentista serão concebidos dentro de uma moldura retórica, de modo especial, a ciceroniana, apontando para esse horizonte clássico que está em pleno acordo com o espírito da época e as expectativas do público.

Todo esse alvorecer da Antiguidade clássica exercerá grande influência na pedagogia de uma das principais manifestações educacionais do século XVI: a Companhia de Jesus. Fundada em 1534 por estudantes da Universidade de Paris, liderados por Inácio de Loyola (1491-1556), a Companhia apresentará como principal característica, a união da

tradição universitária da medievalidade – expressa na filosofia natural, filosofia aristotélica e teologia tomista –, com os novos programas escolares dos humanistas italianos que assentavam sobre o conhecimento das línguas antigas e a leitura dos clássicos (Miranda, 2013).

A EDUCAÇÃO RETÓRICA NO *Ratio Studiorum*

Nascidas no meio de uma das maiores controvérsias religiosas da Europa, o contexto da Reforma Protestante, a Companhia de Jesus reflete a seriedade do momento histórico em que estavam inseridos. Ainda mais, considerando o contexto das Grandes Navegações e descoberta de novos povos no continente americano. Com vistas a combater as heresias e transmitir a fé por meio das missões, a Companhia enxergou na instrução formal o meio eficaz para atingir tais fins. De acordo com Miranda (2013, p. 188), a Companhia apresentava por princípio que “[...] para levar os homens ao fim último para o qual foram criados, é necessário não só exemplaridade de vida, mas também doutrina, isto é, instrução, conhecimento”. Diante disso, a Companhia será umas das principais propulsoras da Antiguidade Clássica despontada nesse contexto, na medida

em que tal literatura correspondia aos seus interesses.

Embora a Renascença também apresente o advento das primeiras manifestações da técnica e o desenvolvimento da ciência, destaca-se que a Companhia privilegiará o saber humanístico na formação dos jovens. Para Azevedo (1944), a formação intelectual não era orientada para a técnica nem para a ação, pelo contrário, eminentemente literária, voltada para a eloquência e o exercício de funções dialéticas de espírito. Logo, tais mestres em artes e licenciados nada mais eram do que homens letrados, imitadores e eruditos, cujo maior prazer literário consistia no estudo dos clássicos latinos:

As humanidades clássicas, quase exclusivamente latinas [...], constituíam, de fato, a base sobre que repousava toda a instrução ministrada nos colégios de jesuítas e nos seminários. A gramática, a retórica e a filosofia, estudadas frequentemente nos próprios autores latinos que recolheram e tornaram mais assimilável a herança dos gregos, tinham, sobre o interesse decorrente dos seus objetivos especiais, nesse ensino impregnado de humanidades, o de verdadeiros instrumentos para desenvolver a cultura latina, situada no âmago da instrução (Azevedo, 1944, p.150).

Na medida em que os colégios jesuítas aumentavam, principalmente fora do continente europeu, houve a necessidade, pelos líderes e representantes da Companhia, de estabelecer

um documento que pudesse regulamentar toda a atividade escolar dos Jesuítas. Embora já houvesse alguns documentos que regiam algumas ações locais, não possuíam a universalidade e a amplitude necessária. Diante disso, em 8 de janeiro de 1599, foi promulgado o *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* (Plano e Organização de Estudos da Companhia de Jesus), tradicionalmente abreviado como *Ratio Studiorum*.

O *Ratio Studiorum* não se constitui como um tratado de pedagogia, na medida em que não expõe sistemas ou discute princípios pedagógicos. O *Ratio* se caracteriza como um manual prático, cuja finalidade é auxiliar o professor na execução de suas atividades. Ao todo, o manual possui 467 regras que constituem todas as atividades que envolvem os educadores. Além disso, o *Ratio* divide o processo educacional em três níveis: Humanidades, Filosofia e Teologia. Cada nível de ensino apresenta suas disciplinas correspondentes. Nas Humanidades (estudos inferiores), temos a Gramática – dividida em Inferior, Média e Superior –, Humanidades e Retórica. Na Filosofia (estudos superiores), temos a Lógica, Introdução às Ciências, Cosmologia, Física, Matemática, Psicologia, Metafísica e Filosofia Moral. Na Teologia (estudos superiores) temos Teologia Escolástica, Teologia Moral, Sagrada Escritura

e Hebraico. É preciso salientar que ninguém prosseguia aos estudos superiores constituídos pela Filosofia e Teologia sem obter a aprovação mínima nas Humanidades.

Para os jesuítas, o saber humanístico era imprescindível na formação humana, de modo que existiam mais colégios destinados ao estudo da Gramática, Humanidades e Retórica, do que colégios onde se estudavam Filosofia e Teologia (Miranda, 2013). Como vimos, o estudo dessas humanidades era o que possibilitava o contato direto com os autores antigos, prosadores e poetas, necessidade esta que reflete o espírito de seu tempo, pois, como afirma Soares (2013):

Os textos do Humanismo Renascentista, concebidos dentro de uma moldura retórica, apontam sempre para um horizonte de conhecimentos que está de acordo com a sensibilidade da época e as expectativas do público[...]. Esse horizonte de conhecimentos repousa no mundo clássico, com o seu universo ético, fonte inesgotável que alimenta a torrente da cultura do tempo (Soares, 2013, p.19).

Dentro das Humanidades, os estudos de Retórica tinham um lugar essencial dentro do programa escolar. Mais do que uma simples matéria ou disciplina, a Retórica se apresentava como um estudo que pretendia aliar as letras com a virtude, o afeto com o intelecto e a fé com a razão. Logo, mais do que uma mera técnica, a Retórica é uma integração de saberes, alheia a

todas as barreiras tradicionais existentes entre as disciplinas. Ademais, é uma retórica que estabelece laços entre a eloquência e a vida política ou a eloquência com a vida cívica (Miranda, 2013), e são exatamente esses laços de combinação da eloquência com a atividade política encontrados na vida e obra de Cícero, base da proposta formativa do orador no *Ratio Studiorum*.

Para que se possa compreender o lugar da retórica dentro da proposta formativa do *Ratio*, é necessário, antes de examinar as regras relativas à classe de Retórica, analisar os estudos das Humanidades como um todo. Isso porquanto, segundo Miranda (2013), todos os graus convergem para a aquisição da perfeita eloquência. Este percurso começava pelo estudo da Gramática, dividida entre Gramática Inferior, Médio e Superior.

Na Gramática Inferior, que tinha por objetivo principal o conhecimento perfeito dos elementos da gramática e inicial da sintaxe, as preleções incorriam sobre gramática e sobre Cícero: “Nas preleções adotem-se, dentre as cartas de Cícero, só as mais fáceis, escolhidas para este fim, e, se possível, impressas separadamente” (*Ratio*, 1952).

Na Gramática Média, que tinha por objetivo um conhecimento ainda que imperfeito de toda a gramática, o contato com os autores aumentava consideravelmente. Os mestres

continuavam com as preleções de gramática e de Cícero, mas alternavam com algum poeta: “Nas preleções só se usem as epístolas *Ad Familiares* de Cícero, algumas poesias muito fáceis de Ovídio [...]” (*Ratio*, 1952, p. 135).

Na Gramática Superior o objetivo é o conhecimento perfeito da gramática a partir da repetição da sintaxe, bem como, a explicação da construção figurada e retórica. Nessa classe, novamente se predomina a figura de Cícero com a leitura de suas cartas mais importantes, *Ad Familiares*, (62–43 a.C.) *Ad Atticum* (68–43 a.C.), *Ad Quintum Fratrem* (60–64 a.C.), bem como, alguns tratados filosóficos como *Amicitia* (44 a.C.), *De Senectute* (44 a.C.) e *Paradoxa Stoicorum* (46 a.C.). Além disso, o contato com diferentes poetas clássicos aumenta, como Ovídio (43 a.C. – 18 d.C.), Catulo (87 – 57 a.C.), Tibulo (54 – 19 a.C.), Propércio (47 – 14 a.C.) e Virgílio (70 – 19 a.C.).

Com a conclusão do curso de Gramática, iniciava o de Humanidades: “A finalidade desta aula é preparar, nos que terminaram a gramática, o terreno à eloquência. Para este fim concorrem três meios: o conhecimento da língua, alguma erudição e uma introdução breve aos preceitos da Retórica” (*Ratio*, 1952, p.129). De acordo com Miranda (2013), a enunciação destes três elementos ajuda-nos a compreender o alcance da retórica dentro da proposta

pedagógica do *Ratio*, uma vez que, para prosseguir o conhecimento da língua, era preciso superar o nível de correção alcançado na Gramática, a fim de desenvolver a propriedade e abundância de vocabulário. Para atingir esse objetivo, o contato com os autores clássicos aumentava exponencialmente.

No que diz respeito ao conhecimento da língua tal qual proposto, o estudo se dá a partir dos livros de filosofia moral de Cícero, historiadores como Salústio (86 – 34 a.C.) e Lívio (59 a.C. – 17 a.C.) e poetas como Virgílio. Sobre os conhecimentos eruditos, o *Ratio* chama atenção para que sejam ministrados com parcimônia, de modo a estimular e recrear a inteligência e não para impedir a atenção à língua. Os preceitos de retórica, por sua vez, que eram ministrados no segundo semestre, voltava-se para um resumo do manual *De Arte Rhetorica Libri Tres* do jesuíta Cipriano Soares (1524-1593), e os discursos mais fáceis de Cícero, como *Pro lege Manilia* (66 a.C.), *Pro Arquia* (62 a.C.), *Pro Marcello* (46 a.C.) e outros pronunciados na presença do imperador César (*Ratio*, 1952).

Na medida em que o aluno estivesse dotado de todas estas competências enunciadas, ele encontrava-se apto a frequentar a classe de Retórica. Diferentemente do que foi feito com as outras classes, o *Ratio* não apresenta uma definição da classe de Retórica, afirmando que

“o nível científico desta aula não pode ser definido com facilidade dentro de limites fixos” (*Ratio*, 1952, p.124). Todavia, apresenta que a formação perfeita para a eloquência abraça duas faculdades essenciais: a oratória e a poética. Entre as duas, a preferência se dá para a oratória, que se constitui como a arte de falar em público ou um conjunto de regras que auxiliam na arte do bem falar. A poética, por sua vez, se constitui como a arte de elaborar composições poéticas ou o conjunto de recursos expressivos de um escritor. Seja como for, a eloquência “atende não só ao que é útil senão também à beleza da expressão” (*Ratio*, 1952, p.124). A respeito disso, Miranda (2013) afirma que esta noção de utilidade apresentado pelo *Ratio* explica diferentes tendências dentro da tradição retórica da Companhia de Jesus. Por um lado, pela primazia da oratória sobre a poética e, por outro, o primado da oralidade sobre sua forma escrita num momento histórico em que a imprensa parecia desprestigiar a palavra falada. Agir sobre a vontade, o afeto e o intelecto dos ouvintes correspondiam a uma das finalidades da retórica tal qual temos presente em Cícero: “Ótimo é, com efeito, o orador que pelo discurso ensina como deleita e comove os ânimos dos ouvintes. Ensinar é devido; deleitar, honroso; comover, necessário” (Cícero, *A Perfeição Oratória*, 2013, p.371).

Ainda segundo o *Ratio*, a formação perfeita para a eloquência abrange três pontos principais: as regras de oratória, o estilo e a erudição. No que diz respeito as regras, o *Ratio* observa que embora seja possível observá-las em diferentes fontes, deve ser explicada a partir dos livros retóricos de Cícero, bem como, na Retórica de Aristóteles. O estilo por sua vez, deve ser formado preferencialmente e exclusivamente em Cícero. Para o *Ratio*, todos os seus livros se adaptam perfeitamente a este fim, todavia, as orações, que são os discursos propriamente dito, deverão ser aplicados de modo a enxergar neles as aplicações dos preceitos da oratória utilizados por Cícero. Por fim, quanto à erudição, deverá ser recolhida na história dos costumes dos povos, nos autores mais competentes e em todas as espécies de conhecimentos.

A especificidade da eloquência perfeita era assegurada pelas preleções. De acordo com o *Ratio*, há duas espécies de preleções referentes a classe de Oratória: “[...] uma relativa à teoria, na qual se explicam as regras, outra, ao estilo, na qual se aplicam, as orações” (*Ratio*, 1952, p. 126). Conforme está contido na primeira regra, segue que nas orações leia-se Cícero na teoria e Aristóteles. No que diz respeito às regras oratórias, devem ser ensinadas ao longo de todo o ano visto sua importância na formação do orador.

Por meio das preleções, bem como, das correções por parte do professor, era possível agir em simultâneo com as três primeiras partes do discurso tal qual proposto por Cícero em seus livros sobre a retórica: *inventio*, *dispositio* e *elocutio*. Mas para alcançar a eloquência perfeita, restam-lhe as duas outras partes da retórica ciceroniana: *memoria* e *actio*. Para Miranda (2013), tanto a *memoria* quando a *actio* estavam em declínio desde o século I d.C., quando a Retórica passou a ser identificada com a literatura e perdeu a sua dimensão oral. A valorização dada pelo *Ratio* mostra o uso da memória como algo imprescindível para a eloquência perfeita: “[...] ao retórico é necessário o exercício diário da memória e na sua classe ocorram muitas vezes lições demasiado longas para serem aprendidas de cor, determine o Professor o que e quanto se deverá aprender, e, caso ele exigisse, de que modo recitá-lo” (*Ratio*, 1952, p.125). Normalmente, a fim de unir o exercício da memória com a declamação, utilizavam trechos aprendidos nos clássicos e declamavam da cátedra.

Além disso, de acordo com Soares (2012, p.166) “se, no Renascimento, a aquisição de uma competência linguística, capaz de interpretar e assimilar a mensagem das obras da Antiguidade, era considerada indispensável, a tradução assumia também um papel importante como instrumento do saber clássico”. Traduzir

textos possibilitava aos alunos, além do domínio da língua pátria do autor, compreender as especificidades do discurso traduzido. Tal procedimento era ministrado pelo professor como um exercício durante a aula, e era utilizado desde o estudo da Gramática:

Enquanto corrige os trabalhos escritos, o professor poderá passar aos alunos os exercícios seguintes: verter para o latim um ditado em vernáculo de modo que imite o autor e observe as regras da sintaxe, traduzir a lição de Cícero (dos autores) para a língua pátria, em seguida retrovertê-la para o latim e respigar-lhe as frases mais elegantes, recolher das gramáticas recentemente explicadas, dificuldades para propor aos êmulos, fazer versos ou reconstituí-los, desfeitos, escrever em grego e outros semelhantes (*Ratio*, 1952, p.134).

Todo esse processo tinha por objetivo proporcionar ao aluno a eloquência perfeita e capacitá-lo a caminhar em outras áreas do conhecimento. Todavia, o conhecimento retórico não tinha por objetivo a utilidade um fim meramente profissionalizante. Pelo contrário, quer capacitar as faculdades do homem por meio de uma união entre teoria e prática, ou seja, afeto e intelecto, imaginação e memória, desejo e vontade.

Segundo Miranda (2013), tanto os escritos doutrinários quanto a produção retórica dos jesuítas, manifestavam uma retórica consciente da sua elevada relevância para a vida

pública. Isso se justifica na medida em que o orador formado pela Companhia, tinha por dever mais nobre, converter um homem por meio da palavra, dar conselhos em matéria de relevância, agir sobre as multidões e exortá-los à virtude. Ou seja, da perfeição do orador dependia o bem-estar dos indivíduos e a manutenção dos interesses da Companhia de Jesus. Assim, mais do que uma retórica acantonada na teorização acadêmica ou com um fim meramente utilitário, a educação retórica do *Ratio*, aos moldes da Antiguidade Clássica, quer aperfeiçoar as faculdades humanas ligadas ao afeto e ao intelecto, à imaginação e a memória, bem como, o desejo e a vontade. Isso quer dizer que quer capacitar o homem integralmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Marco Túlio Cícero se constitui como um pilar do mundo clássico, que não se refere apenas à história da filosofia, mas se amplia a verdadeira dimensão da filosofia da história. Nele, encontramos um homem de sabedoria universal, que propõe uma educação a partir das mais belas dádivas da natureza com vistas a formação do homem integral. Esta visão clássica, eloquentemente exaltada por meio da sua retórica foi impulsionadora de grandes momentos da história. Por um lado, construiu o

mundo clássico greco-romano e, por outro, voltou a inspirar a Renascença, e nesta, a Companhia de Jesus.

Tendo por objetivo a formação deste homem clássico exaltado pela tradição, não podemos negar que a Companhia de Jesus foi uma verdadeira guardiã e propulsora da Antiguidade Clássica, constituindo-se como uma das principais fontes dos antigos na Renascença. A educação retórica na Companhia de Jesus, delineada pelo *Ratio Studiorum* ao longo do Renascimento, emerge como um paradigma que transcende a mera formação oratória. Inspirada nos preceitos da Antiguidade Clássica e, em especial, influenciada pela eloquência ciceroniana, a abordagem jesuíta não se restringe a moldar profissionais da palavra, mas se propõe a forjar indivíduos plenos. Destaca-se que ao entrelaçar teoria e prática, a retórica no contexto do *Ratio* não é meramente utilitária, mas busca capacitar integralmente as faculdades humanas, unindo afeto e intelecto, imaginação e memória, desejo e vontade. Desse modo, a educação retórica proposta pelo *Ratio Studiorum* revela-se como um meio de forjar não apenas discursistas habilidosos, mas cidadãos engajados e conscientes, conectando-se assim ao renascentismo e à missão mais ampla da Companhia de Jesus na promoção do bem comum.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**: Introdução ao Estudo da Cultura no Brasil. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Bahia/Pará/Porto Alegre: Companhia Editorial Nacional, 1944, ed.2.529p.

CÍCERO, Marco Túlio. **A perfeição Oratória**. Trad. José Rodrigues Seabra Filho. Belo Horizonte: Nova Acrópole, 2013. 396 p.

_____. **Brutus**. Trad. José Rodrigues Seabra Filho. Belo Horizonte: Nova Acrópole, 2013. 396 p.

_____. **Orator**. Trad. Soraia Nascimento Gonçalves. Tese: Contributos para a definição do orador ideal – estudo e tradução do “Orator” de Cícero. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2017. 346 p.

_____. **Sobre el Orador**. Trad. José Javier Isso. Madrid: Editorial Gredos, 2002. 509 p.

ISO, José Javier. Introducción. In: CÍCERO. **Sobre el Orador**. Madrid: Editorial Gredos, 2002. 509 p.

MIRANDA, Margarida. Quando os Jesuítas eram Mestres da Palavra. A Retórica segundo a *Ratio Stvdiorvm*. **Humanitas**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, v.65, p.187-203.

OSUNA, Esmeralda. Apresentação. In: CÍCERO. **Acadêmicas**. Belo Horizonte: Nova Acrópole, 2012. 412 p.

PEREIRA MELO, José Joaquim. **A Educação e o Estado Romano**. Linhas – Revista do Programa de Mestrado em Educação e Cultura. UDESC, v.7, n.2, 2006.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario.

História da Filosofia: do humanismo a Descartes. v.3, São Paulo: Paulus, 2004. 321p.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. **Estudos de História da Cultura Clássica**. v.II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984. 556 p

SOARES, Nair de Nazaré Castro. Internacionalização do Saber e Discurso Literário no Renascimento. **Legado clássico no Renascimento e sua recepção: contributos para a renovação do espaço cultural europeu**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p.17-42.

_____. Retórica e sabedoria: o ideal da Enkyklios Paideia no humanismo do Renascimento. **Mnemosyne kai Sophia**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p.161-179.